

## ESTUDO DIACRÔNICO DA INTERPOLAÇÃO DO *NÃO* ENTRE O VERBO E O CLÍTICO

### DIACRONIC STUDY OF THE INTERPOLATION OF THE WORD “*NÃO*” BETWEEN VERB AND CLITIC

Beatris Pizzoni de Freitas<sup>1</sup>  
*beatrispizzoni@gmail.com*

Larissa Martins Pedro<sup>2</sup>  
*larimartins\_pe@hotmail.com*

Laura Leonardelli Costa Paulino<sup>3</sup>  
*laurinhaleonardelli@hotmail.com*

#### RESUMO

O presente artigo busca abordar questões pertinentes à mudança linguística quanto à posição do não pré-verbal que, no passado do português, pelo fenômeno de interpolação, situava-se entre o clítico e o verbo. Para tanto, far-se-á um estudo diacrônico da variante PB (português brasileiro), no intuito de ressaltar o enfraquecimento e a perda da interpolação do não, verificando suas possíveis causas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interpolação; Clíticos; Linguística Histórica.

#### ABSTRACT

The present article seeks to approach questions related to a linguistic change regarding the placement of the preverbal position of the word “*não*”, which in the past of Portuguese, by the interpolation phenomenon, was situated between the clitic and the verb. In order to do so, a diachronic study of the BP variant (Brazilian Portuguese) will be developed to verify the weakening and the loss of the interpolation of the “*não*” and its possible causes.

**KEYWORDS:** Interpolation; Clitics; Historical Linguistics.

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras/Português pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, com período de mobilidade acadêmica (2018/1) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>2</sup> Graduada em Letras/Português pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, com período de mobilidade acadêmica (2018/1) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>3</sup> Graduada em Letras/Português pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, com período de mobilidade acadêmica (2019/2) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sabe-se, pelos estudos diacrônicos da Linguística Histórica, que as línguas estão em constante mutação no eixo do tempo, mutações essas que, vistas por uma perspectiva gerativista, se constituem por rearranjos internos do próprio sistema linguístico em questão. Amplos são os tipos de mudanças que afetam as línguas, podendo situarem-se desde o âmbito gramatical até o semântico, de acordo com Gabas Junior (2007), uma vez que “construir hipóteses de caráter explicativo para os fenômenos descritos” (FARACO, 1950, p. 91) faz parte do papel dos estudos históricos da Linguística.

Esta pesquisa, portanto, surge de um fenômeno visto primeiramente na literatura realista (mas comprovada em textos não literários e pesquisas sobre o tema), que se caracteriza pela interpolação do *não* em relação aos pronomes clíticos e ao verbo. Com efeito, viu-se que no passado do português brasileiro, doravante PB, grande parte do uso dos clíticos, quando em próclise, ocorria antes do operador de negação sentencial *não*, sendo que este se situava entre o clítico e o verbo. Conquanto, vê-se que essa característica não se faz mais presente na variação de PB atual.

Desse modo, este artigo pretende localizar os estudos de linguística histórica, com ênfase nas mudanças gramaticais, com uma posterior elucidação dos conceitos de clíticos e interpolação. Após, utilizando-se de jornais antigos e outras pesquisas concluídas sobre o uso dos clíticos, numa perspectiva diacrônica, far-se-á um recorte desses usos apenas em relação ao advérbio citado, relacionando com a possível mudança do estatuto do *não* em relação aos outros tipos de advérbio e os porquês da diminuição e da posterior perda da sequência cl-NEG V<sup>4</sup> no PB corrente.

## 2 LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Diferenciando-se da História da Linguística, que trata dos percursos e caminhos traçados pela Linguística como ciência da linguagem, a Linguística Histórica caracteriza-se por estudar as mudanças das línguas no decorrer do tempo. De modo geral, esses estudos são feitos diacronicamente, pois, conforme Faraco (1950), as línguas em relação às outras, ou de forma

---

<sup>4</sup> Neste caso, cl-NEG V seria a estrutura de orações interpoladas pelo *não*, como em “se me não engano”, em contraposição à NEG cl-V, que caracteriza as orações correntes atualmente, como “se não me engano”, em que não há a interpolação.

isolada, acabam por sofrer transformações, substituições, aparecimentos, desaparecimentos e também mutações.

Diante disso, pode-se destacar que os estudos históricos “principalmente os desenvolvidos a partir do século XIX com o latim, o grego e o sânscrito são tão importantes em linguística (...) que a própria disciplina, a Linguística, afirmou-se como ciência a partir deles.” (GABAS JÚNIOR, 2007, P.77). Por meio disso, tem-se que tais estudos tiveram um papel fundamental na consolidação da disciplina como ciência.

Assim, sob o prisma do autor citado, pode-se afirmar que a Linguística Histórica se constitui como uma ciência, também, devido ao estabelecimento das descrições das mudanças e do uso de materiais empíricos para a formulação de suas hipóteses. Através disso, de acordo com Faraco (2005), os cientistas constroem suas hipóteses, escolhendo um local teórico para as mesmas e analisando-as conforme os pressupostos daquele viés adotado.

Em relação às mudanças ocorridas em uma língua, conforme Gabas Júnior (2007, p.81):

Toda língua falada no mundo está em constante processo de mudança. As mudanças que ocorrem, no entanto, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem esses falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças.

Segundo o autor, isso acontece, em sua grande maioria, por conta das mudanças ocorrerem de forma lenta e gradual, não envolvendo o sistema linguístico como um todo, em unanimidade, mas apenas em algumas partes; do mesmo modo, há ocorrência de uma força de preservação oposta agindo sobre elas. Assim, ainda em conformidade com o autor citado, pode haver ocorrência de mudanças desde o nível fonético-fonológico até o nível semântico de qualquer língua, dado um contexto apropriado para que a mesma aconteça.

### 3 MUDANÇA GRAMATICAL

Conforme elucidada Gabas Júnior (2007, p.88), entende-se por mudança gramatical “todo processo que tem como resultado uma mudança no sistema gramatical de uma dada língua, seja no âmbito morfológico, seja no sintático”. Tal mudança se distingue das demais (mudança semântica, mudança de som e etc.) pois, nas anteriores, não havia uma alteração gramatical como resultado da mutação, como nos relata o autor.

Vale lembrar, em concordância com o mesmo autor, que uma mudança gramatical possui relação com as regras internas de cada língua, e não com a gramática normativa em si. Com isso em mente, traremos um exemplo de mudança gramatical para melhor compreensão, sendo ele a perda da flexão nominal para expressar relações gramaticais.

A mudança citada pode ser observada no *Latim*, no qual “a ordem de palavras na sentença era livre, e a determinação das relações gramaticais como sujeito e objeto era feita por meio de um sistema de marcação de caso nos nomes que compunham orações” (GABAS JÚNIOR, 2007, p.88). Assim, usava-se da morfologia para indicar as relações gramaticais como sujeito e objeto, conforme é demonstrado no seguinte exemplo:

“*Marcell-us ama-t Claudi-am*” (GABAS JÚNIOR, 2007, p.89)

Na frase acima, a ordem das palavras poderia ser alterada, sem prejuízo do seu significado, em virtude das terminações nos nomes, sendo *-us* para nominativo e *-am* para acusativo. Já no português, podemos observar que não é encontrada a marcação de caso, haja vista que, havendo uma alteração na ordem dos nomes, o significado da frase mudará inteiramente, de acordo com o exemplo a seguir:

*Ana matou o papagaio vs. O papagaio matou a Ana.*

Dessa forma, a mudança linguística analisada no presente artigo, a qual se caracteriza pela interpolação do operador de negação sentencial *não*, não pertence às esferas fonológicas ou semânticas, mas sim à gramatical. Isso acontece porque a mudança identificada não altera nenhum nível da língua salvo o gramatical, que abrange questões morfológicas e

sintáticas, justamente pelo fato de a colocação dos pronomes e a interpolação do advérbio pertencer à sintaxe.

#### 4 CLÍTICOS E INTERPOLAÇÃO

Perante essa introdução, na presente pesquisa procuraremos demonstrar a mudança na posição do *não* no PB em relação aos clíticos, sendo esses definidos por serem elementos átonos e itens lexicais “sem acento prosódico atribuído no léxico, [...] mas com uma certa liberdade.” (MARTINS, 2013, p. 1). Por portar essas características, segundo o autor, o clítico depende do anexo a uma palavra com acento prosódico; a essa ligação damos, nesse caso, o nome de ênclise ou próclise, em que a primeira se constitui na colocação posterior do pronome clítico à palavra, enquanto a segunda se dá na colocação do clítico antes da palavra.

Para Namiuti e Miotto (2014, p.113), “Como têm demonstrado diversos trabalhos, no português antigo (doravante PA) e no português clássico (doravante PC), em contextos que chamaremos de marcados, a posição dos clíticos é fixa, antes ou depois do verbo”. Ainda para os autores, os contextos marcados que acarretam a próclise são os que se observam a presença de operadores proclisadores, como alguns advérbios (*já, ainda, também*) e o próprio *não*, enquanto os contextos marcados em que ocorre a ênclise obrigatória são os que o verbo se encontra em primeiro lugar. Todas as demais ocorrências de ênclise e próclise são variações.

Ademais, para Spencer (1991 apud NAMIUTI; MIOTTO, 2014, p. 113), é como se os clíticos fossem itens com propriedades de palavras plenas, mas sem o acento, e por isso dependentes de outras palavras, funcionando como um afixo. Entretanto, enquanto os afixos se vinculam a palavras específicas, os clíticos podem relacionar-se com quaisquer palavras de acentos fortes, evidenciando a diferença dos processos fonológicos que afixos e clíticos envolvem.

Atualmente, segundo Martins (2013), esses clíticos são dados pela maior parte das gramáticas com a ênclise como sua posição “regular”, como se a colocação pós-verbo fosse a referência normativa para colocação do pronome. Conforme o autor citado, o que acontece, de fato, é que há exceções, e o número delas é consideravelmente grande – dezesseis ocorrências em que é preferível a próclise, mais precisamente.

Um dos casos em que há exceção é identificado, segundo Cunha e Cintra (2013), pela preferência à próclise quando a oração contém palavra negativa e não há pausa entre o verbo e a negação, como no exemplo abaixo:

“- **Não lhes dizia** eu?” (M. DE SÁ CARNEIRO apud CUNHA; CINTRA, 2013, p.324).

A sentença anterior estruturada pelo advérbio + pronome clítico antecedido pelo verbo + sujeito determinado é um dos exemplos em que ocorre a preferência à próclise. O presente artigo visa estudar essa estrutura em uma linha diacrônica, em que se tem a ocorrência da estrutura de exceção com próclise da seguinte maneira, como nos mostra o jornal Gazeta do Rio de Janeiro (1808):

“(...) Huns porque o Governo de S. M. **lhes não tinha** achado sufficiente autenticidade, outros porque a moção **os não especificava** distinctamente. (...)”

Na notícia de jornal acima há dois casos de interpolação (em negrito), fenômeno no qual a palavra negativa pode interromper a sequência clítico-verbo, conforme Namiuti (2008). A interpolação é, segundo Martins (2013), a interrupção entre o verbo e pronome clítico com a inserção de um marcador (no caso do presente artigo, o *não*), em que o fenômeno se dá justamente quando há uma marcação interpolada, ou seja, modificando a estrutura frasal inserindo-se entre o pronome e o verbo.

Cabe ressaltar que essa interrupção do clítico com o verbo foi efetivamente comum no português antigo, como é possível identificar na manchete de 1808, enquanto no português atual pouco se vê o fenômeno, com exceção do português europeu, em que ocorre ainda, em alguns casos, nos dias de hoje, segundo Namiuti (2008).

## 5 O FENÔMENO

Segundo Pagotto (1992), no período entre o século XVI e XVIII, a ocorrência do padrão 1 (cl-NEG V), em que se tem a interpolação do *não*, é superior ao padrão 2 (NEG cl-V), principalmente na primeira metade do século XVI, em que a concentração do padrão 1 é praticamente categórica. Isso, segundo o autor, leva-nos a crer que:

(...) a anteposição do clítico a elementos pré-verbais neste período talvez seja o restinho de um processo que teria sido mais produtivo no português medieval. (...) parece que a anteposição do clítico foi processo que perdurou e era fenômeno previsto na gramática do período (...) (PAGOTTO, 1992, p. 125).

Na carta de Pero Vaz de Caminha, no início do século XVI, encontra-se uma série de ocorrências do padrão 1, como no exemplo a seguir, em que o operador de negação sentencial *nom* se situa entre o clítico *o* e o verbo *saberey*:

“da marinha jem e simgraduras do caminho nõ darey aquy cõ ta a vossa alteza porque **o nom saberey** fazer e os pilotos deuem teer ese cuidado e por tamto Snõr do que ey de falar começo e diguo.”

Entretanto, segundo Martins (1994 apud NAMIUTI; MIOTO, 2014, p. 99), a interpolação do *não* no português antigo só era possível em contextos onde a próclise era categórica. Ainda para os autores, “o advérbio de negação *não*, embora desencadeie próclise, não se encontra entre os elementos capazes de criar um contexto de potencial interpolação.” (MARTINS, 1994, p. 190 apud NAMIUTI; MIOTO, 2014, p. 99). Ou seja, apesar de condicionar a próclise, não pode acarretar na interpolação de outros itens entre o clítico e o verbo, de forma tal que construções do tipo NEG-cl-X-V, em que X é o constituinte adicional, não são encontradas.

Essa é uma das diferenças entre o estatuto do elemento proclisador *não* e os outros advérbios com a mesma característica de atrator do clítico, segundo Namiuti e Miotto (2014, p. 99), já que os outros advérbios permitem a interpolação de outros itens lexicais que não os clíticos. Ademais, para Pagotto (1992), a anteposição do clítico a outros advérbios pré-verbais, que não o *não*, era pouco produtiva no português, concentrada principalmente no século XVI, o que sugere que tal fenômeno pode ter sido produtivo no português medieval, mas que perde a força no português clássico. Dessa forma,

(...) podemos perceber que uma nítida diferença entre a negação e estes advérbios: a anteposição do clítico à negação, como vimos, é processo que continua bem forte até o século XVIII e pode, assim, ser tomado como um fenômeno a ser incluído na gramática deste período. (...) Seria possível pensar, assim, que a negação e os outros advérbios, no passado da língua, deveriam ter na gramática o mesmo estatuto, que

permitiria a anteposição do clítico. Um processo de mudança deve ter ocorrido, o qual opôs a negação aos outros advérbios. (PAGOTTO, 1992, p. 126 – 127).

É possível perceber, ainda que posteriormente o *não* tenha perdido essa possibilidade de interpolação, segundo o autor citado, que há uma diferença nas relações sintáticas do advérbio de negação *não* e dos outros advérbios com o clítico e o verbo. Inclusive, sob o prisma de Namiuti e Miotto (2014, p. 100), até mesmo os advérbios de negação, como *nunca* e *jamais*, são diferentes do *não*, uma vez que aqueles permitem a interpolação de outros elementos, que não o clítico, entre o verbo e advérbio, como no período a seguir, em que *pessoa alguma* aparece entre o advérbio e o grupo verbal:

“– Se vós pudésseis ajuntar os vossos anos aos meus – disse incontinentemente Natan – faríeis o que **jamais** pessoa alguma **pôde fazer**, porque me faríeis receber de vós alguma coisa, que é o que até agora ninguém fez.” (CTB: CAVALEIRO DE OLIVEIRA, 1702 apud NAMIUTI; MIOTO, 2014, p. 99).

Outro fator que indica a diferença entre o *não* e os outros advérbios, ainda conforme os autores citados, é o fato de ele ser o elemento com mais ocorrências de interpolação entre clítico e verbo. Além disso, a diferença do estatuto do operador sentencial de negação e dos outros advérbios, para Pagotto (1992, p. 128), pode ser explicada pelo fato de o *não* comportar-se como um elemento tão intrinsecamente junto ao verbo que não permitia a inserção do clítico entre eles, o que se modifica com a mudança da língua.

Namiuti (2008) concluiu alguns princípios em relação ao vínculo entre o *não* e o verbo, à mudança do seu estatuto e à consequente preferência pela sequência NEG cl-V no português atual, sendo que:

O primeiro é o caráter peculiar do *não*, compreendido como uma espécie de clítico desde o nascimento do português. O segundo são as propriedades das estruturas que subjazem às gramáticas das fases históricas da língua, como as propriedades que se referem ao estatuto do sujeito pré-verbal e ao núcleo funcional que verbo e clítico, ao se moverem, podem alcançar em cada período da história da língua. (NAMIUTI; MIOTO, 2014, p. 101).

Para os autores, essa relação entre *não* e verbo continua no português atual, podendo ser interrompida apenas pelos clíticos, o que evidencia, mais uma vez, a diferença no que diz respeito aos outros advérbios, uma vez que estes admitem a interpolação de outros elementos.

Desse modo, para Namiuti e Mioto (2014, p. 107 – 108), sugere-se que o *não* possui duas entradas lexicais diacrônicas: “um morfema ou clítico verbal (a forma mais antiga e que estaria nas construções com a ordem cl-neg-V) e um advérbio independente (forma inovadora em relação à antiga).”, como nos exemplos a seguir, respectivamente:

“Este grande, e memorável acontecimento **se não deve** atribuir somente ao susto repentino, excitado pela presença de um Exercito Francez dentro dos limites de Portugal.” (Correio Braziliense, 1808).

“Ao bater às portas do Palácio do Jaburu depois de 10 meses do governo Michel Temer, o senhor Joesley Batista disse que **não se encontrava** havia mais de 10 meses com o presidente.” (Portal de notícias G1, 2017)

Com isso, Martins (1994;1997 apud NAMIUTI; MIOTO, 201, p. 108) propõe que o *não*, quando exibido em um padrão de clítico, “uma forma fraca da negação (‘morfema projetado do léxico’ associado ao verbo)”, é passível de interpolação em relação ao pronome e o verbo, conforme algumas gramáticas. Para outras, em que não admite-se a interpolação do *não*, a negação é como “um núcleo independente (gerado em  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup>)”. Desse modo, Martins (1994;1997 apud NAMIUTI; MIOTO, 201, p. 108) indica que a gramática adotada atualmente é a segunda, sendo que no português antigo, quando a interpolação do *não* é praticamente categórica, a primeira gramática seria a vigente.

Desse modo, conforme os autores, a forma composta pelo clítico anterior ao verbo sem elementos intercalados se firma como ocorrência “padrão” e leva a indícios de composição das novas gramáticas do Português Europeu moderno, em que o operador de negação sentencial é visto como núcleo independente. A ocorrência de interpolação da negação, apesar de muito incomum, segundo Magro (2007 apud NAMIUTI; MIOTO, 2014, p. 101), em sua tese sobre a variação dos clíticos nas sentenças e o fenômeno da interpolação, pode ocorrer em algumas variações dialetais do Português Europeu, embora possivelmente diferente da ocorrência no Português antigo, em que o *não* tinha um estatuto diferente do que tem atualmente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante as constantes mutações da língua no tempo, vistos de uma perspectiva diacrônica, de cunho gerativista, podemos constatar, em concordância com os autores estudados, que a interpolação do *não* em relação ao clítico e ao verbo foi um fenômeno mais produtivo no português medieval. Contudo, conforme material analisado, percebeu-se que esse fenômeno teve sua força perdida no português clássico e, por conseguinte, no atual.

Diante disso, pode-se diagnosticar que a interrupção da sequência clítico-verbo pode, ainda hoje, apesar de muito incomum, ocorrer em alguns casos de variações dialetais no Português Europeu, muito embora seja distinta de sua ocorrência no Português antigo, a qual o *não* possuía uma regulamentação diferente da encontrada hoje. Todavia, no português atual, pouco se vê de um fenômeno por muito atuante, como demonstrado na manchete do jornal *Gazeta*, do estado do Rio de Janeiro, em 1808.

Sendo assim, em concordância com os autores citados, foi possível constatar que o *não*, diacronicamente, é possuidor de duas entradas lexicais, que são a de morfema ou clítico verbal, sendo essa a forma mais antiga, e de advérbio independente, como consta nas gramáticas atuais. Por fim, o *não* se diferencia em relação a outros advérbios, pois esses admitem a interpolação de outros elementos, enquanto a relação entre o operador de negação sentencial *não* e o verbo pode ser interrompida apenas pelos clíticos, mantendo esse vínculo entre ambos no português atual.

## REFERÊNCIAS

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Carta\\_a\\_El\\_Rei\\_D.\\_Manuel\\_\(ortografia\\_original\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_(ortografia_original)). Acesso em: 15 jun. 2017.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Londres, 12 jun. 1808. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700142&pasta=ano\\_180&pesq;=](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700142&pasta=ano_180&pesq;=). Acesso em: 15 jun. 2017.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ed. Parábola, 2005.

GABAS JÚNIOR, Nilson. **Linguística Histórica**. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

**GAZETA DO RIO DE JANEIRO.** Rio de Janeiro, 10 set. 1808. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749664&PagFis=0&Pesq;=>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MARTINS, Ana Maria. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, Eduardo Paiva et al. **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 2231-2302. Disponível em: [http://alfclul.clul.ul.pt/wochwel/documents/Clíticos\\_Gramática do Português\\_Gulbenkian.pdf](http://alfclul.clul.ul.pt/wochwel/documents/Clíticos_Gramática do Português_Gulbenkian.pdf). Acesso em: 1 jun. 2017.

NAMIUTI, C. **Aspectos da história gramatical do português: interpolação negação e mudança**. 2008. 309f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

NAMIUTI, Cristiane; MIOTO, Carlos. Clíticos e negação em português: elementos para uma descrição gramatical. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [s.l.], v. 16, n. , p.95-123, 3 dez. 2014.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**. 1992. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

**Portal de notícias G1. Planalto chama Joesley de 'bandido' e diz que Temer o processará na Justiça**. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/temer-chama-joesley-de-bandido-notorio-e-diz-que-o-processara-na-justica.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2017.